

# IMIGRAÇÃO, MÍDIA E XENOFOBIA: A AMEAÇA IMAGINÁRIA EM QUESTÃO

*Lineu Norio Kohatsu  
Gabriel Katsumi Saito  
Patrícia Ferreira de Andrade*

## XENOFOBIA EM TEMPOS DA PANDEMIA DA COVID-19: A REEDIÇÃO DO "PERIGO AMARELO"

Com a pandemia mundial da Covid-19, houve um crescimento da onda de xenofobia contra chineses, descendentes e asiáticos, em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

Com o propósito de compreender melhor esse fenômeno, propõe-se neste trabalho analisar matérias jornalísticas veiculadas pela internet que tiveram como assunto principal as manifestações de xenofobia e racismo contra asiáticos em decorrência da pandemia da Covid-19. Os comentários dos leitores também foram objeto de análise.

No Brasil, mesmo com a presença histórica dos imigrantes asiáticos, como chineses, japoneses e coreanos, a difusão da Covid-19 fez emergir velhos preconceitos com a mesma virulência e destrutividade da pandemia.

A intolerância e o repúdio ao estrangeiro, principalmente ao não branco, têm origem remota. Um olhar retrospectivo ao século XIX permite recordar que a questão racial já estava subjacente aos projetos imigrantistas (SEYFERTH,

2002). A grande imigração (1888-1914) é impulsionada pela necessidade de substituir o braço escravo nas fazendas de café (SEYFERTH, 2014, p.109), mas políticas orientadas por ideias eugenistas e assimilacionistas buscavam restringir a entrada de certos grupos étnicos indesejados. Na década de 1850, discutiu-se a contratação temporária, de um número limitado de trabalhadores chineses (coolies) para as fazendas de café, fato que se tornou objeto de debate, pois uma “‘raça bastarda’, de civilização ‘decadente e corrompida pelo ópio’”, não devia ser incluída, conforme estabelecia o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 1861 (SEYFERTH, 2014, p. 118).

Segundo Seyferth (2014), a repulsa aos chineses tem sua representação mais significativa na expressão “perigo amarelo”, associada à suposta inferioridade racial e os riscos da mistura racial. Note-se, como será mencionado por Carneiro (2018) logo adiante, que a expressão era usada também para se referir aos japoneses, podendo-se ver que a repulsa era aos asiáticos de modo em geral.

Nas atas do I Congresso Brasileiro de Eugenia, consta no trabalho de A.J. de Azevedo Amaral (1929, pp. 333-334) a preocupação em formar uma raça superior com saúde física e atributos intelectuais necessários à assimilação e ao desenvolvimento da cultura e para isso seria preciso a “exclusão de todas as correntes imigratorias que não sejam de raça branca” (AMARAL, 1929, p. 340).

Carneiro (2018) mostra a persistência das ideias eugenistas e da intolerância a certos grupos durante o período do Estado Novo (1937-1945). O japonês era estigmatizado e tratado como “indesejável” e/ou como “raça inferior”, “inassimilável como enxofre”, considerado “perigo amarelo” (CARNEIRO, 2018).

Com base na eugenia, deficientes, loucos, mendigos, doentes incuráveis ou contagiosos, prostitutas, criminosos e os indivíduos inassimiláveis da raça amarela formavam o grupo dos indesejáveis, cuja entrada deveria ser impedida (SEYFERTH, 2014, p.122).

No Estatuto de Estrangeiro, Lei nº 6.815/1980, sancionado no período da ditadura civil-militar, a imigração ainda era tratada como uma questão de segurança nacional, restringindo as atividades dos imigrantes em vários âmbitos, como atividades de natureza política, como consta no Art. 107. A mudança de paradigma ocorre com a atual Lei de Migração nº 13.445/2017, que tem como princípio a defesa dos direitos humanos e, como consta no Art. 3º, II – repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação.

Destaca-se ainda a Lei 7.716/1989 que define os crimes resultados de preconceito de raça ou de cor. O artigo primeiro desta lei estabelece: “Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou precon-

ceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”; prevendo pena de reclusão de um a três anos e multa a quem, de acordo com o Art. 20, “Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional” (BRASIL, 1989). Há ainda nesta lei, a especificação de que a prática dessas ações por meio digital igualmente se configura como crime. O 3º parágrafo do Art. 140 do Código Penal (BRASIL, 1940) estabelece pena de reclusão de um a três anos para aquele que ofender: “§ 3o Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência”.

## **XENOFOBIA, ETNOCENTRISMO E PRECONCEITO**

Em trabalho anteriormente publicado (KOHATSU, 2019), embora reconhecendo que Adorno e col. (1965), assim como Crochík e col. (2013) discutam outras formas de discriminação, foi demonstrado que as contribuições teóricas desses autores auxiliavam na compreensão da xenofobia como um fenômeno social, que tem em sua base o preconceito e que este, por sua vez, é reforçado pela ideologia patriota, fascista e etnocêntrica. Adorno e col. (1965) investigaram os motivos pelos quais alguns indivíduos aderiam voluntariamente às ideias antidemocráticas e fascistas. Os pesquisadores puderam constatar que a ideologia, como um modo totalizante e estandardizado de organizar opiniões, atitudes e valores, atendia às necessidades psicológicas de certos indivíduos que, devido à fragilidade da personalidade, tendiam a responder de modo irrefletido e hostil às ameaças percebidas. Acrescenta-se à ideologia, a função de encobrir as contradições sociais.

O conceito de etnocentrismo (ADORNO e col., 1965, p. 118) expressa a ideia de uma centralização étnica, da aceitação apenas do igual e ódio às culturas diferentes. A concepção de grupo étnico abarcaria as minorias, sem excluí-las por fenótipos ou nacionalidades. Além do ódio às minorias, o pseudopatriotismo seria parte do etnocentrismo, pois quem admira as qualidades de sua cultura, não conseguiria odiar todas as outras, pelo contrário se identificaria. O etnocentrista teria uma visão de mundo concêntrica: as pessoas se encaixam em grupos étnicos, circunscritos em camadas que se distanciam – no centro está o indivíduo etnocêntrico, seus familiares, a comunidade branca e religiosa. Quanto mais distante deste centro, mais indiferenciados e excluídos são os grupos étnicos (ADORNO e col., 1965, p.157).

O ódio ao diferente e ao estrangeiro não decorre das características objetivas dos grupos identificados como externos, mas do modo como esses são

percebidos subjetiva e distorcidamente pelos indivíduos preconceituosos. A esse fenômeno Horkheimer e Adorno (1947/1985) denominaram, com base na psicanálise freudiana, de falsa projeção. De forma sucinta, a falsa projeção extrojeta conteúdos inconscientes internos que não podem ser assumidos pelo sujeito como sendo seus e por isso precisam ser expulsos e projetados em certos alvos. Entende-se, portanto, que o conteúdo negado e projetado no outro, diz respeito mais sobre o sujeito do que sobre o objeto. O indivíduo que é hostil com um grupo minoritário provavelmente será intolerante com uma extensa variedade de outros grupos, considerando-os ameaçadores, como negros, homossexuais, estrangeiros e tantos outros culpados pelos infortúnios do mundo.

Diante da fragilidade que não pode ser reconhecida e que precisa ser negada, os indivíduos com tendência fascista se esforçam em aparentar força, mesmo que para isso tenham de pagar o preço de recusar a experiência genuína com o outro, com o qual não podem se identificar. A dificuldade em sentir e refletir impossibilita a revisão crítica de convicções irracionais, equivocadas e fortemente carregadas de afeto, como o medo e o ódio, que persistem por não poderem ser elaborados. Essa atitude refratária à experiência e à reflexão, característica de indivíduos com tendência fascista, indica a existência de preconceito (CROCHÍK, 1996).

Crochík, Kohatsu, Dias, Freller e Casco (2013) apontam que o “preconceito é uma atitude que contém uma tendência para a ação (...)”. A discriminação (de classe, de raça ou de gênero) pode ser considerada uma ação derivada de preconceitos. Portanto, sempre que houver discriminação, haverá preconceito. Por outro lado, a ausência de discriminação não significará necessariamente a ausência de preconceito, pois sob certas condições, como em sociedades mais democráticas, o preconceito poderá se manter encoberto, enquanto que em circunstâncias com o domínio de um clima autoritário, em que a perseguição às minorias é encorajada, a manifestação poderá ser francamente explícita e declarada.

## **XENOFOBIA E INDÚSTRIA CULTURAL**

A estratégia de se utilizar atitudes e opiniões xenófobas para aumentar a sensação de progresso, sobrevivência e a sensação de autocontrole – ao se permitir o descontrole violento –, é reproduzida como técnica de manipulação política por agitadores fascistas (ADORNO, 2015). Tal como o antissemitismo (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 141), a xenofobia é apresentada como mercadoria, propagandeada como um produto de luxo, seu uso para a dominação

é patente. Esta dominação é parte da dominação da natureza, realizada pela tendência totalitária do esclarecimento, durante o processo civilizatório.

As idiossincrasias como o odor do corpo, o arrepio, as gesticulações trazem a lembrança da assimilação com a natureza. Elas são vistas como repugnantes e incivilizadas na sociedade. Para Horkheimer e Adorno (1947/1985), os nazistas só permitem esta assimilação à natureza para destruí-la e colocá-la a serviço de sua própria dominação. Os antissemitas perseguiram o ritual *kosher*, chamavam-no de cruel, ao mesmo tempo em que os próprios promoviam o genocídio. Neste sentido, a desastrosa publicação da revista “Sopa de Wuhan” (AMADEO, 2020) legítima em sua capa ora o ódio xenófobo à culinária chinesa – semelhante ao ódio antissemita ao *kosher* –, ora a entrega à natureza apenas para destruí-la, ao apresentar a ilustração do eugenista Haeckel da anatomia de um pequeno morcego.

“Sopa de Wuhan” e outras produções, inclusive as jornalísticas, remetem que a xenofobia se tornou mercadoria consumível e aparentemente gratuita. Junto ao pacote de que a China e outros países asiáticos não são um modelo político-econômico que agrada aos editores da revista, a xenofobia surge como um brinde, uma insinuação para angariar apoiadores a esta ideia. Adorno (2015) verificou que os seguidores dos agitadores fascistas, para demonstrar a gratidão dos momentos de catarse violenta, aceitam o antissemitismo como parte do show. E é a indústria cultural que surge como o filtro totalitário que transforma os consumidores em receptores passivos de mercadorias cada vez mais idênticas, veiculadas pelos meios de comunicação de massas. Em tempos de *high tech*, a produção e o acesso à informação em larga escala podem inibir ainda mais o pensamento crítico e autônomo dos indivíduos, que movidos por crenças irracionais, reagem irrefletidamente aos estímulos instantaneamente decodificados, dando vazão automática aos impulsos destrutivos, sem nenhuma forma de inibição. Sob estas condições, a xenofobia, o racismo e outras manifestações de barbárie tem sido flagrantes.

## PROCEDIMENTOS DE COLETA

As buscas foram realizadas em portais e *sites* de jornais e revistas, de acesso aberto e gratuito, não exclusivo para assinantes, por matérias cujo assunto principal era xenofobia contra asiáticos no contexto da pandemia da Covid-19, publicadas no período de janeiro a maio de 2020. Os descritores usados foram: coronavírus; Covid-19; xenofobia; sinofobia; chineses; asiáticos. Em princípio, a proposta era delimitar a análise às publicações sobre xenofobia no Brasil, publi-

cadadas no país em português, porém, devido à relevância dos conteúdos, foram incluídas também matérias sobre xenofobia contra asiáticos em outros países, destas, três publicadas em língua estrangeira (inglês e espanhol). As reportagens foram escolhidas por conveniência, uma vez que não têm representatividade estatística.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionadas 40 publicações, sendo 21 com comentários de leitores e 19 sem comentários. Em relação ao gênero das matérias, a maioria (23) são notícias, tendo também entrevistas, matérias de coluna, ensaios, um depoimento, uma pesquisa e um site específico com conteúdos diversos sobre sinofobia e coronavírus.

A maior parte das matérias tinha como assunto principal a discriminação contra asiáticos, explicitados no título com termos como: xenofobia, sinofobia, preconceito, racismo, ataque racista, bullying, ou no conteúdo da matéria.

A partir da leitura das matérias, foram identificados alguns aspectos recorrentes, que serão apresentados a seguir. Depois, uma sistematização dos comentários com conteúdos correspondentes.

## INDIFERENCIAÇÃO ÉTNICA E XENOFOBIA GENERALIZADA: ARIGATÔ!

### XINGLING!

Os alvos dos insultos verbais e agressões físicas não foram somente os chineses e descendentes, mas asiáticos em geral em 17 das 40 matérias, mostrando que os agressores não se importavam em distinguir a origem étnica e a nacionalidade das pessoas com fenótipo asiático. A situação foi assunto principal na matéria “Brasileira é alvo de bullying por conta de coronavírus: me senti humilhada” (G1 SANTOS, 01/03/2020).

Outra situação de agressão, também sofrida por uma descendente de japoneses, foi relatada na coluna de Beatriz de Almeida:

“Sua chinesa porca, fica espalhando doença para todos nós” foram as palavras dirigidas à estudante Marie Okabayashi, em um trem do metrô do Rio de Janeiro, agressão ocorrida em 31 de janeiro (Justificando, ALMEIDA, 25/05/2020).

O mesmo fato foi comentado na matéria “Em meio a surto de coronavírus, orientais no Brasil relatam preconceito e desconforto: A situação mostra o pre-

conceito e o desconforto que já começam a ser vivenciados pela comunidade oriental no Brasil conforme cresce no mundo o surto do novo coronavírus chinês (...)” (Folha, MOREIRA, 05/02/2020).

Em sua coluna, a atriz sino brasileira, Lian Tai, faz um depoimento sobre o racismo que vem sofrendo:

Até hoje, na rua, enfrento dedos que me apontam com deboche e caricaturas, como era na infância. *Arigatô!*<sup>1</sup> *Xingling!*<sup>2</sup> (...) Há a amiga que imita o sotaque chinês de forma caricata, dizendo “pastel de flango”. (...) Nos últimos meses, com a pandemia, tenho visto o racismo contra asiáticos mostrar-se com mais veemência; ele começa contra os chineses e se estende a todos os povos do extremo oriente, até porque, no Brasil, “é tudo a mesma coisa” (Opera Mundi, TAI, 31/03/2020).

Na matéria “*Temor en la comunidad asiática en Estados Unidos ante los ataques racistas por el coronavirus*” (El País, GUIMÓN, 23/03/2020) é apresentado o depoimento de uma professora de origem tailandesa, insultada por um homem no metrô de Los Angeles, EUA, que pensou tratar-se de uma chinesa. Ao fazer uma busca na internet, a professora descobriu que pessoas de todo o mundo, com traços orientais como ela, descreviam experiências racistas similares que tinham vivido com a explosão do coronavírus.

Comentários que desconsideram as particularidades étnicas e culturais e, portanto, generalizam e se referem de modo estereotipado, depreciativo e com insultos dirigidos à chineses, japoneses, coreanos e asiáticos de modo indistinto foram encontrados em 14 das 21 matérias com comentários de leitores.

Foi observado que os comentários muitas das vezes apenas visavam insultar as pessoas referidas nas matérias, tal como ocorreu nas duas reportagens com mais comentários: “Jovem asiática é chamada de ‘coronavírus’ e leva borrifada de álcool na cara: ‘Eu não sou uma doença’” (Yahoo, EFRAIM, 24/03/2020), com cinco comentários, “Médica defende cloroquina, critica estudos e diz que aceitaria ser ministra” (UOL, 18/05/2020). As duas mulheres referidas nas matérias são descendentes de japoneses. Foram postados cinco comentários na primeira matéria, sendo uma delas “Pastel de Flango!”, com 11 curtidas e 12 reprovações. Na segunda matéria foram postados nove comentários, todos jocosos e ofensivos

---

<sup>1</sup> Obrigado, em japonês.

<sup>2</sup> Expressão depreciativa usada para se referir a produtos de origem chinesa.

dirigidos à médica Nise Yamaguchi. Alguns dos comentários foram: “Esta cientista é chingling<sup>3</sup>”, “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? <sup>4</sup> Parece chinesa”.

Um dos comentários com maior quantidade de reprovações (63) foi postado na matéria “Coronavírus: estudante de Singapura é agredido em ‘ataque racista’ em Londres” (BBC Brasil, 03/03/2020): “Mas também, ninguém mandou parecer chinês. Bom dia”.

Como se pode ver, a origem étnica pouco importa aos agressores, pois basta a aparência, o fenótipo asiático, para justificar os insultos e até agressões físicas contra seus alvos. Como foi discutido anteriormente, a xenofobia, que tem em sua base o preconceito, é uma forma irracional de agir para atender às necessidades psicológicas do agressor diante de ameaças imaginárias.

## TSUNAMI MUNDIAL DE XENOFOBIA E RACISMO E O ENFRENTAMENTO NAS REDES SOCIAIS

Os crescentes ataques xenofóbicos e racistas contra asiáticos em vários países foram matéria da reportagem “Como o racismo aflora diante do medo do coronavírus”.

Incidentes de racismo e xenofobia foram reportados em países europeus – como Itália, França e Reino Unido –, do continente americano, como Canadá e Estados Unidos, e mesmo na Ásia, em lugares como Coreia do Sul e Malásia (Nexo Jornal, LIMA, 03/02/2020).

A matéria informa que no final de janeiro de 2020, franceses de origem asiática criaram a hashtag *#JeNeSuisPasUnVirus* para denunciar ataques racistas contra asiáticos que vivem no país. O movimento foi assunto também em outras matérias (RFI, 29/01/2020<sup>5</sup>; BBC, 29/01/2020; BBC Brasil, ALVIM, 31/01/2020). A última matéria informa que a Associação de Jovens Chineses na França tem recebido pedidos de ajuda psicológica por vítimas de discriminação de origem chinesa e também coreana, cambojana, vietnamita e filipina desde o surgimento da epidemia do coronavírus. Nos Estados Unidos, a hashtag *#IAmNotAVirus* foi adotada por estudantes asiático-americanos da Universidade da Califórnia e no Brasil como *#EuNãoSouUmVirus*. Em sua coluna, Juliana Sayuri destaca a ini-

---

<sup>3</sup> A expressão “chingling” é um modo pejorativo de se referir às mercadorias produzidas na China e vendidas no Brasil, insinuando serem falsificações.

<sup>4</sup> “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê” foi a expressão usada pelo presidente Bolsonaro ao responder a pergunta de repórter sobre as mortes provocadas pela Covid-19 no Brasil.

<sup>5</sup> Rádio França Internacional, rádio pública francesa de emissão ao estrangeiro.



ciativa do Instituto Sociocultural Brasil-China – Ibrachina, que criou uma central de denúncias sobre racismo e xenofobia (TAB-UOL, SAYURI, 12/02/2020).

A gravidade da difusão da xenofobia e racismo como ameaça real contra chineses e asiáticos no mundo fez com que o Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas – ONU criasse uma campanha de combate ao racismo decorrente da difusão do coronavírus. Em maio de 2020, António Guterres, Secretário Geral da ONU, postou um apelo no Twitter para acabar com o discurso de ódio:

*#COVID19 does not care who we are, where we live, or what we believe.*

*Yet the pandemic continues to unleash a tsunami of hate and xenophobia, scapegoating and scare-mongering.*

*That's why I'm appealing for an all-out effort to end hate speech globally<sup>6</sup> (G1, 08/05/2020).*

Inúmeras matérias analisadas fazem referência ao uso das redes sociais para veiculação de mensagens de ódio, xenofobia e racismo e, como visto, usada também para fazer o enfrentamento, como as campanhas *#JeNeSuisPasUnVirus*, e também campanhas de organismos internacionais, como a ONU. O aumento da difusão de mensagens xenofóbicas tornou-se objeto de investigação de pesquisadores que veiculam o estudo pelo Medium sob o título “*Analyzing online discourse for everyone: Covid-19 and the Spread of Sinophobia*”.

Entre as 21 matérias com comentários de leitores, 16 delas têm comentários que denunciam e criticam o preconceito, a xenofobia e o racismo contra asiáticos. Algumas matérias tiveram mais comentários contrários a tais expressões (Blogosfera, FUKUTA, 08/02/2020; UOL, TARJA, 30/01/2020; Folha UOL, MOREIRA, 05/02/2020); a primeira com seis e as outras duas com cinco cada uma.

Três destes comentários chamam a atenção em relação às aprovações e reprovações. O primeiro – com 54 curtidas e 2 reprovações –, do leitor A, aponta a recorrência e não especificação dos ataques “Tudo é desculpa para ataques racis-

---

<sup>6</sup> Tradução livre: #COVID19 não se importa com quem somos, onde moramos ou no que acreditamos.

No entanto, a pandemia continua a desencadear um tsunami de ódio e xenofobia, criar bodes-expiatórios e alarmismos.

É por isso que estou pedindo um esforço total para acabar com o discurso de ódio globalmente.

tas” (A, BBC NEWS, G1, 03/03/2020); já o da leitora HG, com 14 curtidas, sem possibilidade de reprovações, faz contraponto considerando a especificidade da situação com o apontamento da inveracidade da justificativa para a manifestação do preconceito, xenofobia e racismo:

É muito triste e injusto esse preconceito em relação aos brasileiros de origem asiática que tanto fizeram pelo nosso país e são tão brasileiros como nós. Ninguém pode ser suspeito de disseminar doenças simplesmente por ter origem asiática, um absurdo. E tudo por conta de uma doença com 2% de letalidade, sem nenhum caso confirmado no Brasil<sup>7</sup>. Certamente a falta de atendimento no SUS já matou muito mais gente do que o coronavírus na China (HG, Folha Uol, 05/02/2020).

O terceiro comentário, de JRO, com nove curtidas – sem possibilidade de reprovações, é contundente quanto à necessidade de combater tais expressões: “O preconceito deve ser combatido mesmo. Coisa mais idiota. Apenas como é um caso de saúde pública quem foi à China, brasileiro ou não, deve ficar em quarentena em casa” (JRG, MOREIRA, 3/3/2020).

Podemos ainda mencionar que alguns comentários críticos apontam resoluções que manifestam algum grau de intolerância e trazem como saída possível a mesma atitude em direção aos agressores. Como exemplo desses comentários: “O Brasil vai mudar quando todo brasileiro sentir na pele o próprio preconceito” (CS, FUCUTA, 08/02/2020).

## **MÍDIA, PRECONCEITO E XENOFOBIA**

As fake news foram mencionadas em dez matérias como propulsoras das manifestações xenofóbicas e racistas, contudo, os veículos de informação também foram responsabilizados por incitar o medo e o ódio com notícias alarmistas.

Na matéria “Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus” (Folha, UOL, 25/02/2020) o título e o conteúdo textual da matéria referem-se a um homem vindo da Itália cujo teste resultou positivo para o vírus. O que causou polêmica, no entanto, foi a comovente foto, em close, de um jovem casal de chineses, ambos com máscaras, publicada em destaque, e cuja a legenda informa: “Membro de uma equipe médica que parte para Wuhan, província de Hubei, se despede de sua família na Universidade Médica de Xinjiang, em Urumqi, na região autônoma do grupo étnico”. A matéria foi criticada nas redes sociais por

---

<sup>7</sup> Na ocasião de publicação da matéria.

descendentes de asiáticos pelo despropósito no uso da imagem na matéria, que tratava de um paciente vindo da Itália.

Na matéria publicada pela UOL (30/01/2020), o próprio autor admite o tom alarmista, mas parece querer mantê-lo e reforçá-lo em um texto pretensiosamente ambíguo, pois não apresenta nenhuma evidência contrária à tese refutada. A matéria é criticada nos comentários postados pelos leitores, merecendo ser citado este: “o título deveria ser “tese do paciente supercontagante é descartada”.

A matéria publicada pela BBC (29/01/2020) exhibe a crítica feita à capa do jornal *Le Courier Picard* com manchetes inflamatórias: “*Alerte jaune*” e “*Le péril jaune*” e com a foto de uma mulher chinesa com máscara de proteção. Conforme informa a matéria, o jornal desculpou-se imediatamente, dizendo que não pretendia usar alguns dos piores estereótipos asiáticos.

Ainda que não seja proposital, a xenofobia pode ser flagrada mesmo em comentários de especialistas. Em “Morcegos no Brasil têm coronavírus diferente do que surgiu na China” (MADEIRO, 2020), o entrevistado, especialista no estudo de morcegos do Brasil, afirma: “O problema na China é contato aproximado entre humanos e animais silvestres. Nós, ainda bem, não caçamos, nem consumimos morcegos, nem existe comércio deles em feiras”.

Comentários que expressam forte incômodo, intolerância e aversão contra a presença considerada indevida de estrangeiros no país foram encontrados em 17 matérias.

Os comentários foram classificados nos grupos a seguir, com os respectivos comentários como exemplos:

- a) Uso de estereótipos como forma de insulto: a maioria desse tipo de comentário foi postado na matéria citada anteriormente (UOL, 18/05/2020), referindo-se à médica de origem japonesa como “japa”; “abre seu olho”; “nipon transgênica”; “vendedora de pastel em feira livre” e com associações a personagens “spectreman”; “mãe do jaspion”; “doutora pokemon”.
- b) Insultos de caráter sexual: “japonês, como disse o presidente, tem aquilo pequinhinho”; “o glenn fugiu pra china com medo do xotavirus... vai morrer de qq jeito! hahaha”. Este último, teve 6 curtidas e 13 reprovações. Os demais não tiveram reações significativas.
- c) Não assimilação dos asiáticos: “nunca se misturam”; “colônia coreana é a mais fechada que existe”; “ouça mil conversas em mandarim ou

qualquer idioma/dialeto, mas nunca em português”; “alguém já viu uma chinesa casada com um negro?”.

d) Impedimento de entrada de asiáticos ou deportação/regresso ao país de origem: “governo brasileiro tinha que proibir esse povo de entrar no brasil!!!”; “te podes ir cuando quieras”; “fora china”; “vai pra coreia darling!”; “o aeroporto está ali, caia fora do meu país”; “go home”.

e) Aversão e desejo de extermínio: “chineses vão morrer! amém”; “joga uma chuva de bombas atômicas na china e pronto!!!!”.

Os comentários não receberam muitas reações, com exceção de três: “a única coisa “boa” de uma epidemia é que ela destrói o politicamente correto e expõe a verdadeira face das pessoas” (G1 SANTOS, 01/03/2020) (47 curtidas; 1 reprovação); “fora china” (V., EFRAIM, Yahoo, 24/03/2020) (9 curtidas; 11 reprovações); “a terra tá com 7 bilhões de habitantes. Tomara que esse corona vírus mate pelo menos a metade (...) bom mesmo se morresse uns 5 bilhões de pessoas” (15 curtidas, 51 reprovações) (JA, G1, 23/01/2020. Foi encontrado somente um comentário removido por infringir as regras do site (MOREIRA, Folha.Uol, 03/02/2020).

## HIGIENE, ALIMENTAÇÃO E DOENÇAS: A REEDIÇÃO DO PERIGO AMARELO

Em seu artigo (BBC Brasil, 31/01/2020), Mariana Alvim cita o livro *Yellow perils: China narratives in the contemporary world*<sup>8</sup> (BILLEF & URBANSKY, 2018). Christos Lynteris, um dos autores, escreve sobre como as epidemias contribuíram para a estigmatização dos chineses e critica o modo como a mídia ocidental retrata os mercados chineses “com imagens “destinadas a chocar o público” de animais apresentados como exóticos” (BBC Brasil, 31/01/2020).

A expressão “perigo amarelo”, segundo Urbansky (2018), autor e organizador do livro citado, é usada no Ocidente como designação preconceituosa contra o Leste asiático desde o século XIX e que se perpetua até hoje, conforme se pode ver pelo modo como os chineses são estigmatizados como bodes expiatórios em questões médicas.

Em seu artigo “*A new virus stirs up ancient hatred*” (CNN, YANG, 30/01/2020), Jeff Yang alerta que não é somente a doença que está se espalhando e provocando danos, referindo-se às manifestações racistas na internet contra chineses. Yang recorda que os ocidentais “procuram fazer com que os chineses

<sup>8</sup> Perigo amarelo: Narrativas sobre a China no mundo contemporâneo, tradução da autora do artigo.

pareçam impossivelmente estranhos e, portanto, inassimiláveis e inadmissíveis em seus países civilizados”<sup>9</sup> (YANG, 2020).

Yang cita um editorial do *New York Daily Tribune*, de 29/09/1854 que chamava os chineses de incivilizados e sujos e alertava o governo federal para proibir a entrada de chineses nos Estados Unidos. A aversão aos chineses motivou incêndios e mortes em *Chinatowns* e um dos mais sangrentos linchamentos na história dos Estados Unidos, que aconteceu em Los Angeles, em 1871.

Na matéria “*Temor en la comunidad asiática en Estados Unidos ante los ataques racistas por el coronavirus*” (EL PAÍS, GUIMÓN, 23/03/2020), a referência à xenofobia histórica contra chineses é citada também pelo professor de história e estudos asiático-estadunidenses, Jason Oliver Chang. Chang comenta que a percepção do chinês como “perpétuo estrangeiro” combina na crise atual com a tendência a culpar os coletivos marginalizados pela difusão das enfermidades.

Em seu ensaio “O perigo amarelo” na pandemia do novo coronavírus, Renato Takashi Igarashi faz uma constatação muito oportuna ao dizer que:

A pandemia em que vivemos não criou, mas desnudou um preconceito contra asiáticos que sempre esteve latente e disseminada na sociedade. Práticas cotidianas jamais deixaram de ser extremamente racistas e xenófobas, como retratar a figura de um asiático com olhos cerrados e dentes salientes, puxar os olhos, ridicularizar sua fala com a troca do R pelo L etc., mas abafadas com o pretexto de se tratar de “piada” (Justificando, IGARASHI, 18/04/2020).

Nas notícias que possibilitavam interação de leitores, de 21 reportagens apenas cinco delas não continham comentários que insultavam chineses, descendentes e asiáticos acusando-os de falta de higiene, por comerem animais como morcegos e insetos, e referência à transmissão de doenças e difusão de epidemias. As reportagens com mais comentários desse tipo foram: a) “Sobe para 25 o número de mortos por coronavírus com mais de 800 casos na China” (G1-Globo, 23/01/2020) com nove comentários e b) “Eu não sou racista diz Weintraub após usar cebolinha” (UOL, 06/04/2020) com 11 comentários.

O comentário de JZ, um dos mais “populares” da segunda reportagem apontou: “descobriram que o vírus pode ter vindo de sopa de morcego? Esses

---

<sup>9</sup> No original: “Food and hygiene slander have long been the spear tip of attacks by contemptuous (or envious) Westerners seeking to make Chinese seem impossibly alien, and thus unassimilable and inadmissible to their “civilized countries””.

chineses comem até fezes....por isso que todo vírus são *made in China*” (JZ, G1, 23/01/2020), recebeu 69 curtidas e 15 reprovações.

Na mesma matéria, o comentário de JV com 106 curtidas e 8 reprovações, busca demonstrar conhecimento sobre doenças epidemiológicas, indicando a falsa origem: “China, a maior exportadora de pestes do mundo. Peste suína, gripe aviária, h1n1, febre asiática, tudo vem de lá” (JV, G1, 23/01/2020).

## TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO E O COMPONENTE POLÍTICO DA XENOFOBIA NA DIFUSÃO INTENCIONAL DO ÓDIO

O fotógrafo do The Washington Post, Jabin Botsford<sup>10</sup>, registrou a rasura que o presidente Trump fez no texto de seu pronunciamento, riscando a palavra “corona” e escrevendo à mão “*Chinese*” para completar “*Chinese virus*”. Ainda que advertido por sua equipe sobre os riscos de provocar reações xenófobas, Trump seguiu insistindo no uso da palavra e culpando a China pela difusão da pandemia.

O deputado Eduardo Bolsonaro, filho do presidente, alinhado com a posição de Trump, postou no Twitter “Mais uma vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas que salvaria inúmeras vidas. A culpa é da China e liberdade seria a solução” (BBC Brasil, 19/03/2020). A matéria também menciona a polêmica provocada por Trump ao insistir no uso da expressão “vírus chinês” e ao ser questionado por uma jornalista respondeu que o vírus havia vindo da China e afirmou “Não é de forma alguma racista”.

“Eu não sou racista” foi a resposta que o ministro da educação, Abraham Weintraub, deu na entrevista que concedeu à Rádio Bandeirantes, a respeito de sua postagem no Twitter imitando a fala do personagem Cebolinha para zombar do sotaque dos chineses (UOL, 06/04/2020).

A provocação foi também tratada em outra matéria (G1, 06/04/2020). Segundo a reportagem, o ministro usa a postagem para insinuar que a China sairia fortalecida da crise do coronavírus e que isso faria parte do plano de “dominar o mundo”, reforçando teorias conspiratórias para culpar a China e sua posição como bode expiatório.

---

<sup>10</sup> A foto pode ser vista na matéria “Notetaker in chief: Trump’s presidency as told through a black marker”. The Washington Post, 19/03/2020. E o comentário em “Trump has no qualms about calling coronavirus the ‘Chinese Virus’. That’s a dangerous attitude, experts say”. The Washington Post, 20/03/2020.

Vijay Prashad (Brasil de Fato, 04/05/2020) comenta o estudo “*China and CoronaShock*”, que realizou com Weiyan Zhu e Du Xiaojun sobre as ações do governo chinês diante da epidemia do coronavírus. Segundo Prashad, o estudo responde às acusações sinofóbicas de Trump e toma como argumento central o desmoronamento do Estado burguês e o fracasso do capitalismo diante da Covid-19. A política neoliberal, que desmantela os serviços de saúde pública, condena as populações ao vírus. Prashad ressalta que apesar dos alertas da OMS sobre a letalidade do vírus, Trump minimizou a ameaça e tardou para declarar emergência nacional, colocando os Estados Unidos no topo da pandemia, com o maior número de casos infectados e mortes pela Covid-19. Diante de tamanho desastre “Decidiu culpar a China (e a OMS) pela pandemia – e não o vírus letal ou o colapso das instituições estatais nos Estados do Atlântico Norte e a incompetência de seus governos”. O governo do Brasil, copiando os mesmos erros, negou repetidamente a letalidade da pandemia e diante do inegável descontrole e do número crescente de mortes, insistiu na culpabilização da China por meio de postagens xenofóbicas e racistas disseminando ondas de ódio pelas redes sociais.

É significativa a quantidade – 13 entre as 21 – das matérias com comentários que contêm falas com caráter ideológico que acusam o regime político da China de comunista, fechado, centralizador, autoritário e repressor das liberdades individuais. Destas matérias podemos destacar duas: “Weintraub publica insinuações contra a China, depois apaga; embaixada cobra retratação” (G1 globo, 06/04/2020) com 28 comentários com estes conteúdos; e, “‘Vírus chinês’: como Brasil se inseriu em disputa geopolítica entre EUA e China sobre pandemia” (BBC NEWS BRASIL/UOL, 19/03/2020) com 21 comentários.

Dois entre os comentários com este cunho podem ser sublinhados em razão da quantidade de interações. O primeiro de DX teve 23 curtidas e 40 reprovações:

Este vírus foi criado em laboratório pelos governos, é um vírus desenvolvido para acabar com a população idosa do planeta, está população é considerada um peso na economia dos países, japão, china e outros tem uma população idosa gigante e precisam disso para se manter no futuro. abram os óleos pessoais, estão nos eliminando sistematicamente (DX, G1, 25/02/2020).

Este comentário apresenta conteúdo conspiratório cujo intuito seria a eliminação de uma parcela populacional para a manutenção da dominação. Chama a atenção que o número de reprovações do comentário foi maior do que o das aprovações. O segundo comentário, de EB, com 18 curtidas e 5 reprovações,

evidencia a xenofobia e uma ideia genocida expressas em acusação ao regime político. Em suas palavras:

Maior ameaça desta gente para o mundo não reside na economia, poder bélico com um bi de soldados ou corrida espacial e sim na cultura deles: primitivos, são egoístas, gananciosos e desumanos, até o governo ditatorial sabe disso, tanto é que tratou de fazer o controle da reprodução... (EB, G1, 23/01/2020).

Assim como fez Trump e imitou o ministro da educação do Brasil, negar a existência da xenofobia como estratégia política foi argumento comum de alguns leitores, como se pode ver em seus comentários. Foram encontrados 24 comentários negando a existência de preconceito e xenofobia, em sete das 21 notícias.

A entrevista “Somos eternos estrangeiros, diz brasileira que descende de coreanos” teve mais comentários deste tipo, 16 ao todo. Seguem dois exemplos: “sou descendente de chineses nunca achei ruim me chamarem de japa. Quando me chamam de japa, já respondo me chama de China, normal adoro! Principalmente porque os chineses são inteligentes e o país é a segunda potência mundial tem coisa melhor?”, (R., Blog Nós UOL, FUCUTA, 08/02/2020), com 5 curtidas. E também no comentário “No Brasil não existe preconceitos contra orientais, estão querendo criar uma nova classe de minorias, artigo sem pé nem cabeça!” (A.), da mesma reportagem de 4 curtidas.

*“É mais fácil desintegrar um átomo que um preconceito”*

A. Einstein

## É MAIS FÁCIL ENCONTRAR UMA VACINA PARA O CORONAVÍRUS DO QUE UM ANTÍDOTO PARA A XENOFOBIA

Esta não é a primeira vez que, diante de uma pandemia, as pessoas se preocupam mais em perseguir bodes-expiatórios – a ameaça imaginária, do que eliminar a doença – o perigo real. Também não é a primeira vez que os chineses e asiáticos são acusados, insultados, perseguidos, agredidos, assim como foram outras “minorias”. E é preciso que isso seja lembrado e dito para que nenhum sofrimento seja minimizado ou desprezado, pois é justamente a indiferença e a frieza que legitimam a continuidade da barbárie.

A expressão “perigo amarelo” foi difundida no século XIX nos Estados Unidos e também no Brasil para se referir à ameaça representada pelos asiáticos, talvez nem tanto por serem supostos propagadores de doenças, mas sobretudo



por serem considerados inassimiláveis, ou seja, por preservarem as diferenças que tanto incomodavam aqueles que se julgavam os representantes legítimos da nação e da civilização. A presença desses estrangeiros, com estranhos hábitos ditos incivilizados, parecia trazer a incômoda lembrança de que o trabalho não tinha sido terminado, pois algo na natureza ameaçadora ainda não estava totalmente dominado. Sob a perspectiva etnocêntrica do ocidente civilizado, eram os outros não brancos, os exóticos, primitivos e selvagens que mais próximos estavam dessa natureza. Todavia, diante da convicção inabalável apoiada em sua razão, os representantes legítimos da civilização não desconfiavam que a repulsa e o nojo que sentiam desse estranho era, na verdade, a natureza não dominada que ainda habitava em si mesmos.

O paladar estandardizado, incapaz de apreciar tudo aquilo que não lhe é familiar, perde a oportunidade de diferenciar a comida kosher da sopa de Wuhan, tornando os diferentes assemelhados só porque são estranhos. O que é inassimilável é considerado também como indigesto.

Do paladar ao olhar, nota-se a incapacidade ou o desprezo pelas diferenças que muitos leitores de notícias demonstraram em suas postagens, tomando como indistintos todos os asiáticos, resumidos no estereótipo dos olhos puxados. Seria um erro pensar que o incômodo se dá somente pela diferença cultural – hábitos, idiomas, culinária – pois apesar de todos os esforços que possam fazer para serem assimilados, os asiáticos continuariam portando em seus fenótipos a lembrança de uma natureza irreduzível. A crença na existência de raças humanas e o culto eugenista da superioridade racial dos homens brancos demonstrou ter resistido a todas as críticas. A inferioridade racial dos asiáticos parece ser sempre lembrada nas jocosas piadas sobre o que deveria ser o maior símbolo de dominação: a anatomia do genital masculino. Assim como subjuga a fêmea – e não é à toa que a mulher se inclui como minoria – o macho civilizado defende o direito legítimo de dominar todos aqueles que considera inferiores segundo sua hierarquia imaginada. No entanto, quando mais subjuga os inferiores pela sua natureza, mais aprisionado fica na natureza da qual quer se emancipar.

A pandemia da Covid-19 faz emergir os medos imaginários mais arcaicos. O medo do contágio é, de certa forma, o medo de assemelhar-se com aquele que repudia, por isso a necessidade de mantê-los o mais distante possível. As postagens xenofóbicas de alguns leitores são exemplares: impedir a entrada dos chineses no país, deportá-los ou, no extremo, partir para a agressão física e o extermínio. Curiosamente, o ódio mais intenso contra o inimigo imaginário parece cegar o xenófobo diante da ameaça real que se recusar a ver.

Se as pandemias e os medos xenofóbicos não são acontecimentos inéditos na história, há um elemento de contágio que não existia anteriormente: a internet. A tecnologia em rede possibilita a conexão imediata entre os usuários do mundo inteiro. Diante dos dados analisados, a velocidade com que as notícias são veiculadas reduz o tempo de processamento da informação, diminuindo a capacidade cognitiva e induzindo respostas cada vez mais automáticas e estereotipadas. A virulência do ódio se tornou tão contagiosa como o novo coronavírus, ambos se espalhando em progressão geométrica por todos os cantos do mundo. E pelo visto, o potencial de propagação foi logo percebido por aqueles que não querem perder a oportunidade de manipular a massa.

Não deveria surpreender a semelhança dos pseudoargumentos dos xenóforos de todas as partes do mundo. Os indivíduos parecem ter se tornado meros replicadores, acionados por gatilhos remotos e respondendo em nível praticamente fisiológico, como os cachorros de Pavlov. Mas, apesar do clima pouco favorável, incrivelmente há ainda quem tente resistir à disseminação do ódio.

A promessa de felicidade não foi cumprida com o progresso técnico, mas isso não significa que se deve abandonar tudo que foi aprendido no contato com a natureza, como a descoberta de que cura pode vir do mesmo lugar de onde se origina a doença. Mas ainda falta o entendimento de que a natureza ameaçadora também oferece a redenção. Quando isso for compreendido, talvez a civilização cesse seu ímpeto de dominá-la e destruí-la.

Milhões de pessoas foram infectadas e centenas de milhares perderam suas vidas nos poucos meses da pandemia da Covid-19 no mundo, por isso a descoberta da vacina é tão urgente e tudo indica que isso ocorrerá num futuro próximo. Entretanto, o antídoto para o ódio, este parece que ainda vai tardar para ser encontrado.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Antissemitismo e propaganda fascista. *In: Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo. Ed Unesp (pp. 137-152). 2015.

ADORNO, T.W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D.J.; SANFORD, R.N. **La personalidad autoritaria**. Buenos Aires, Editorial Proyección, 1965. (Original de 1950).

AMADEO, P. (Eds.). **Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemias**. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio). 1.a ed. março 2020. Disponível em: <https://www.medionegro.org/pdf-sopa-de-wuhan/>. Acesso em 16 jun. 2020.

AMARAL, A. J. de. O problema eugenico da imigração. *In: 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, Actas e Trabalhos*, vol.I, Rio de Janeiro (pp. 327-340), 1929.

BRASIL. **Código Penal**. Decreto-Lei n. 2.848 de 1.940.

BRASIL. **Estatuto de Estrangeiro**, Lei nº 6.815/1980.

BRASIL. **Lei n.7.716**. Define os crimes decorrentes de preconceito de raça ou de cor. 5 jan. 1989.

BRASIL. **Lei de Migração nº 13.445**, de 24 de maio de 2017.

CARNEIRO, M. L. T. Imigrantes indesejáveis. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. **Revista USP**, São Paulo, n.9, p.115-130, out./nov./dez. 2018.

CROCHÍK, J. L. Preconceito, indivíduo e sociedade. **Temas em Psicologia**, n.3, 1996.

CROCHÍK, J. L.; KOHATSU, L. N; FRELLER, C. C; DIAS, M. Á. L. e; CASCO, R. **Inclusão e Discriminação na Educação Escolar**. Campinas: Alínea, 2013.

HORKHEIMER, M., & ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985. (Original publicado em 1947).

KOHATSU, L. N. Imigração, assimilação e xenofobia. **Cadernos CERU. Dossiê Migrações**, São Paulo, v.30, n.1, pp. 50-75, jun. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/158699>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, n.53, p.117-149, 2002.

SEYFERTH, G. O Estado brasileiro e a imigração. *In: Póvoa Neto e outros (orgs). Caminhos da migração: memória, integração e conflitos*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2014.

Matérias

ALMEIDA, B. A Covid-19 também dissemina velhas chagas da humanidade. **Justificando**, 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3fwaFO0>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ALVIM, M. Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais. **BBC News Brasil**, 31 de jan. de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51305487>. Acesso em: 06 maio 2020.

BBC NEWS. Coronavírus: estudante de Singapura é agredido em ataque ‘racista’ em Londres. **G1**, 03 de mar. de 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3dcnoUp>. Acesso em: 1 jun. 2020.

BBC NEWS. Coronavírus: French Asians hit back at racism with ‘I’m not a vírus’. **BBC News**, 29 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-51294305>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BBC NEWS BRASIL. ‘Vírus chinês’: como Brasil se inseriu em disputa geopolítica entre EUA e China sobre pandemia. **Uol**, 19 de mar. de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ftHf3a>. Acesso em: 16 jun. 2020.

EFRAIM, A. Jovem asiática é chamada de coronavírus’ e leva borrifada de álcool na cara: “Eu não sou uma doença”. **Yahoo**, 24 de mar. de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3d9JLtU>. Acesso em: 10 maio 2020.

FOLHA.UOL. Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus. **Folha.Uol**, 25 de fev. de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3e7XRgJ>. Acesso em: 16 jun. 2020.

FUCUTA, B. “Somos eternos estrangeiros” diz brasileira que descende de coreanos. **Blogosfera Nós UOL**, 08 fev 2020. Acesso em: <https://bit.ly/2N4sdES> /. 16 jun. 2020.

G1. Itália confirma mais quatro mortes por Covid-19; país tem 323 casos. **G1**, 25 de fev. de 2020. Disponível em: <https://glo.bo/37EJvC6>. Acesso em: 16 jun. 2020.

G1. Sobe para 25 o número de mortos por coronavírus com mais de 800 casos na China. **G1**, 23 jan. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/37za77e>. Acesso em: 16 jun. 2020.

G1. ONU alerta para ‘tsunami de ódio e de xenofobia’. **G1**. 18 maio 2020. Disponível em: <https://glo.bo/2Cen9f0>. Acesso em: 16 jun. 2020.

G1. Weintraub publica insinuações contra China, depois apaga; embaixada cobra retratação. **G1**, 6 abr. 2020. Disponível: <https://glo.bo/3d31djC>. Acesso: 16 jun. 2020.

G1 SANTOS. Brasileira é alvo de *bullying* por conta do coronavírus: ‘me senti humilhada’. **G1**, 01 março 2020. Acesso: <https://glo.bo/3e8bMDf> em 16 jun. 2020.

GUIMÓN, P. Temor en La comunidad asiática en Estados Unidos ante los ataques racistas por el coronavirus. **El País**, 23 mar 2020. Disponível: <https://bit.ly/37xPRTI>. Acesso 16 jun. 2020.

IGARASHI, R. O “perigo amarelo” na pandemia do novo coronavírus. **Justificando**, 08 de abr. de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2UQ1i3I>. Acesso em: 16 jun. 2020.

LIMA, J. D. de. Como o racismo aflora diante do medo do coronavírus. **Nexo Jornal**, 23 de mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3hDEezk>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MADEIRO, C. Coronavírus: morcegos no Brasil têm, mas é diferente do que surgiu na China. **Uol**, 29 jan. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3e9GWua>. Acesso: 16 jun. 2020.

MOREIRA, M. Em meio a surto de coronavírus, orientais no Brasil relatam preconceito de desconforto. **Folha Uol**, 3 de fev. de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2CeIbdr>. Acesso em: 16 jun. 2020.

PRASHAD, V. Adeus ao Deus da Praga. **Brasil de Fato**, 04 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3d7G87C>. Acesso em: 08 jun. 2020.

RFI. Franceses de origem asiática criam a hastag “eu não sou vírus” para protestar contra preconceito. **Uol**, 29 jan 2020. Acesso: <https://bit.ly/3ftmYuz>. Em 16 jun. 2020.

SAYURI, J. #EuNãoSouUmVírus: epidemia do covid-19 dispara racismo contra asiáticos. **Uol**, 12 fev. 2020. Disponível: <https://bit.ly/2UNeq9N>. Acesso: 16 jun. 2020.

SINOPHOBIA TRACKER. SinophobiaTrackerduring Corona Virus. **SinophobiaTracker**, s/d. Disponível em: <https://sites.google.com/view/sinophobia-tracker/home>. Acesso em: 25 maio 2020.

TAI, L. ‘Vírus chinês’ e o racismo contra asiáticos no Brasil. **Operamundi.Uol**, 31 de mar. de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/37Bjq6I>. Acesso em: 16 jun. 2020.

TARJA, A. Doente supercontagante: China diz que 1 pessoa passou coronavírus para 14. **Uol**, 30 jan. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/30SoWR5>. Acesso: 16 jun. 2020.

UOL. Eu não sou racista, diz Weintraub após usar Cebolinha para ironizar China. **Uol**, 06 de abr. de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2UQ16S5>. Acesso em: 16 jun. 2020.

UOL. Médica defende cloroquina, critica estudos e diz que aceitaria ser ministra. **Uol**, 18 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/37ybovx>. Acesso em: 16 jun. 2020.

YANG, J. A new vírus stirs up ancient hatred. **CNN**, 30 de jan. de 2020. Disponível em: <https://cnn.it/37CI7Qj>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ZIOSI, M. The rise of Sinophobia on Twitter during the Covid-19 Pandemic. **Medium**, 24 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/37ylrRe>. Acesso em: 01 jun. 2020.